

Contas Económicas da Silvicultura 2010

Valor Acrescentado Bruto da Silvicultura aumentou 6,7% em volume e 6,6% em valor em 2010

Segundo as Contas Económicas da Silvicultura, o Valor Acrescentado Bruto (VAB) desta atividade em 2010 registou aumentos de 6,7% em volume e 6,6% em valor, em relação a 2009. Para este resultado contribuiu essencialmente um acréscimo de produção de 5,7% em volume e 0,3% em preços.

O INE disponibiliza 25 anos de Contas Económicas da Silvicultura (CES) para o período de 1986 a 2010, analisando sumariamente os últimos 11 anos de atividade silvícola em Portugal, em particular 2010.

Os resultados relativos ao ano de 2010 incorporam informação disponível até ao dia 22 de Junho de 2012, apresentando ainda um carácter provisório.

No Portal do INE, na área da informação estatística relativa às Contas Nacionais, especificamente na secção das Contas Satélite, encontram-se publicados quadros com os resultados das CES.

A atividade silvícola compreende a **Silvicultura e a Exploração Florestal** e está na base da fileira de atividades económicas relacionadas com a indústria transformadora da madeira e da cortiça, em particular serração de madeira, produção de pasta de papel e preparação de cortiça.

A ACTIVIDADE SILVÍCOLA E DE EXPLORAÇÃO FLORESTAL – 2000 a 2010

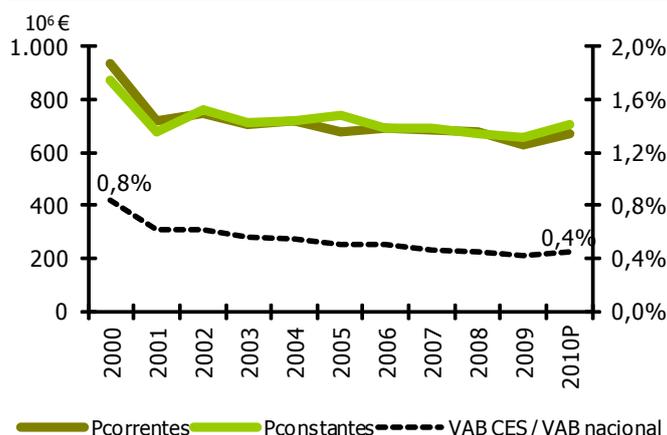
O período entre 2000 e 2010 ficou marcado por um declínio progressivo da atividade silvícola.

Em 2000, o **Valor Acrescentado Bruto** (VAB) atingiu o valor máximo da década, tendo terminado em 2010 com um valor real inferior em cerca de 19,2%. Ao

longo deste período o VAB decresceu em termos médios anuais, 2,1% e 3,2%, em volume e em valor respetivamente.

No que respeita ao peso relativo do VAB da silvicultura no VAB nacional, verificou-se uma perda de importância desta atividade na economia portuguesa. Em 2000, o VAB da silvicultura representava 0,8% do VAB nacional, tendo diminuído para metade em 2010 (0,4%).

Gráfico 1. VAB da Silvicultura

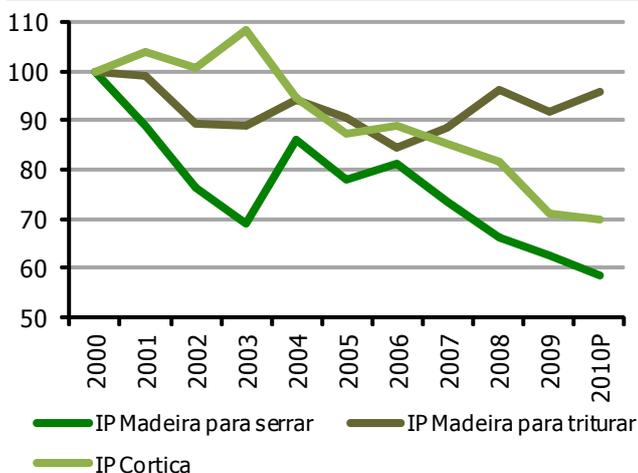


Comparativamente a 2009, ano que apresentou o VAB mais baixo no período em análise, a atividade silvícola de 2010 registou um aumento do VAB de 6,7% em volume e 6,6% em valor.

A evolução do VAB silvícola no período em análise reflete, fundamentalmente, a variação da Produção. Esta compreende os produtos e serviços relacionados com as atividades de **Silvicultura e Exploração Florestal** (abate de árvores, remoção de madeira, descortçamento e plantações) e também o “crescimento líquido das florestas” (saldo entre o acréscimo de madeira ou cortiça nas árvores e a diminuição dos povoamentos por corte, doença ou incêndios).

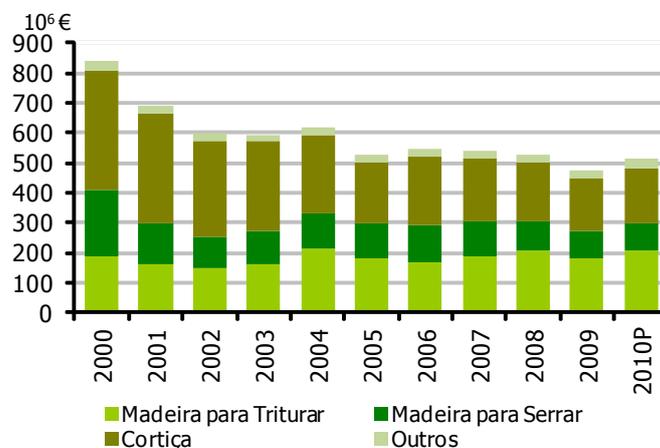
A produção apresentou, entre 2000 e 2010, uma taxa de variação média anual de -2,0% em volume e de -2,3% em valor, o que refletiu o efeito da diminuição dos preços no produtor.

Gráfico 2. Índices de preços da Madeira e Cortiça
2000=100



No entanto, quando comparada com 2009, a produção do ano de 2010 registou aumentos de volume (+5,7%) e de preços (+0,3%), que conduziram a um acréscimo nominal desta em cerca de 6,0%. Para tal, concorreram os aumentos do valor da produção de Madeira (+9,0%) e de Cortiça (+6,1%) que, em grande medida, foram consequência do crescimento do volume, já que os preços observaram acréscimos ligeiros.

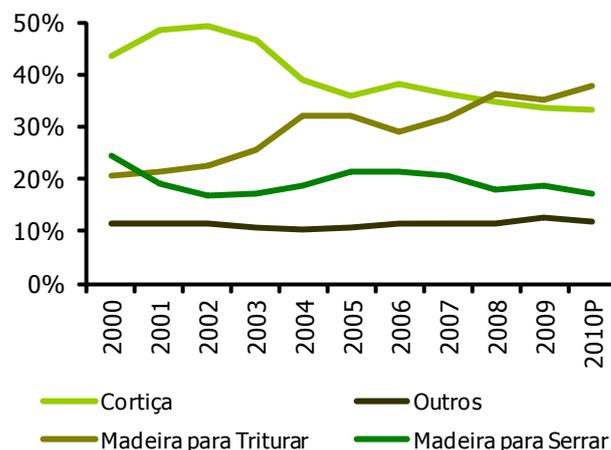
Gráfico 3. Produção de Bens Silvícolas
(preços correntes)



Em termos de estrutura da produção da silvicultura na série em análise, a Madeira e a Cortiça destacaram-se como os produtos silvícolas nacionais de maior peso relativo. No entanto, a Madeira, que se apresenta como o principal produto florestal em termos nominais, tem vindo a assumir maior importância, em detrimento da Cortiça.

Se, por um lado, o preço da Cortiça registou uma tendência decrescente até 2009, por outro, o volume de Madeira, em particular de Madeira para tritarar com destino à fabricação da pasta de papel, apresentou uma subida significativa.

Gráfico 4. Produção de Madeira e Cortiça
(evolução da estrutura da Produção a preços correntes)



PRODUÇÃO DE MADEIRA

A exploração económica da produção de Madeira tem dois destinos industriais principais: a serração, cujo principal escoamento é a indústria do mobiliário, e a trituração, para o fabrico de aglomerados ou pasta de papel.

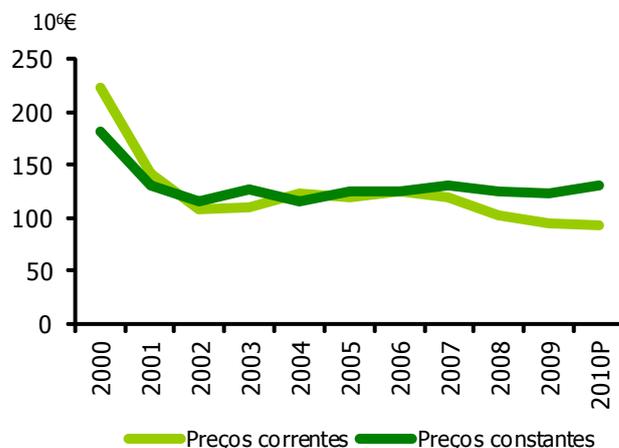
A produção de **Madeira para Serrar**, que engloba principalmente madeira de espécies florestais resinosas, nas quais se destaca o pinheiro bravo, é essencialmente dirigida ao fabrico de mobiliário, podendo, no entanto, ser utilizada pela indústria de papel ou aglomerados.

Este tipo de madeira apresentou, no período em análise, o seu valor máximo de produção no ano 2000 e diminuiu significativamente até 2002, estabilizando em níveis mais baixos até 2010.

Em 2008 e 2009, a Madeira para Serrar observou uma desvalorização, dada a menor qualidade dos toros de madeira de pinheiro bravo causada pela doença do nemátodo e as consequentes restrições à exportação.

Apesar da recuperação deste tipo de madeira em termos de volume, em 2010 o valor de produção foi ligeiramente inferior ao do ano anterior (-1,0%). Esta evolução foi reflexo dos cortes efetuados para aproveitamento de árvores no âmbito das medidas de controlo da doença do nemátodo. Com efeito, verificou-se um aumento do volume vendido de madeira de pinho à indústria de serração (+6,1%), acompanhado por uma diminuição do seu preço (-6,7%).

Gráfico 5. Produção de Madeira para Serrar



Por outro lado, a **Madeira para Triturar**, constituída fundamentalmente pelo eucalipto, a espécie folhosa mais cultivada em Portugal, apresentou uma tendência crescente a partir de 2002, tendo atingido em 2004 o pico de disponibilidade, em resultado dos incêndios de grandes dimensões que devastaram a floresta nacional no ano de 2003. Esta situação de catástrofe natural conduziu a um aumento do valor de vendas deste tipo de madeira à indústria transformadora.

Ao contrário de 2009, que se afastou da tendência de crescimento em volume e em preço da Madeira para Triturar, o ano de 2010 apresentou uma variação positiva da produção. Verificaram-se acréscimos de 11,1% em volume e 14,9% em valor. De facto, nesse ano registou-se um aumento da capacidade produtiva da indústria de pasta de papel, pelo que a necessidade de matéria-prima para constituição de *stocks* nas fábricas aumentou, com um consequente aumento do preço.

Gráfico 6. Produção de Madeira para Triturar

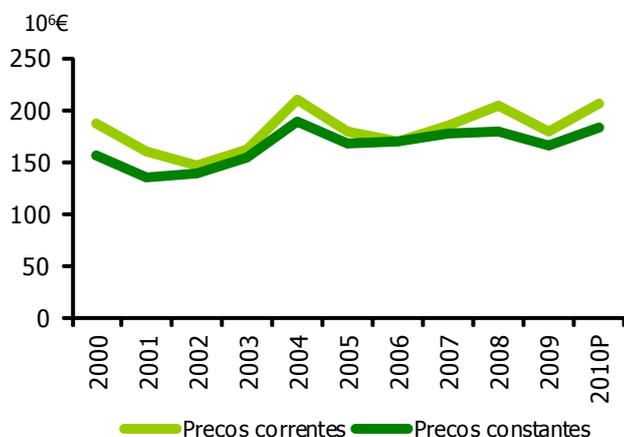
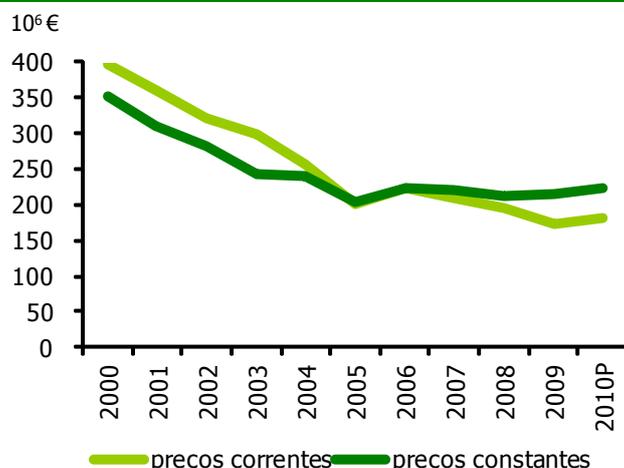


Gráfico 7. Cortiça



PRODUÇÃO DE CORTIÇA

A extração de **Cortiça** evoluiu de forma decrescente entre 2000 e 2010, não tendo retomado os níveis de produção de 2000, ano em que os preços foram muito elevados. Efetivamente, o estado de envelhecimento de alguns montados e a diminuição dos preços pagos ao produtor contribuiu para uma situação de redução da extração de cortiça desde então.

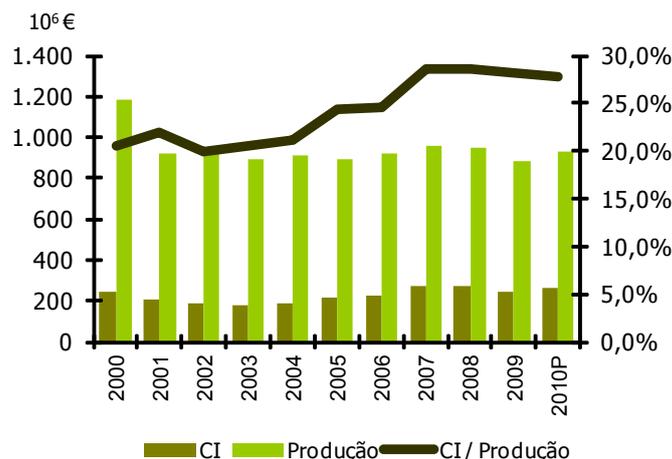
Todavia, atualmente, o relançamento deste produto nos mercados nacional e internacional, sob a forma de rolhas, material de isolamento acústico e térmico ou acessórios de moda, tem conduzido a uma recuperação da produção.

Assim, por oposição a 2009, ano em que se reteve na árvore cortiça passível de extração dado o seu baixo preço, em 2010 verificaram-se acréscimos do volume e valor de produção, em cerca de 4,0% e 6,1%, respetivamente.

CONSUMO INTERMÉDIO. RÁCIOS CONSUMO INTERMÉDIO/PRODUÇÃO

Por oposição ao ano de 2009, o **Consumo Intermédio** (CI) da silvicultura apresentou, em 2010, uma evolução crescente em termos nominais (+4,6%), em resultado, sobretudo, do crescimento do volume (+3,3%).

Gráfico 8. Consumo Intermédio (preços correntes)



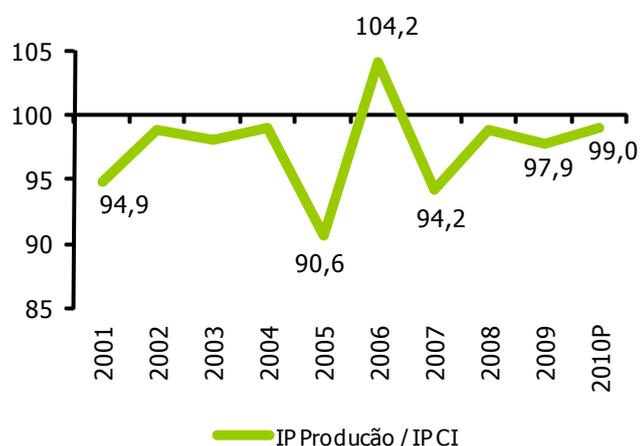
A relação entre o CI e a Produção, através do **rácio CI/Produção**, revela que os últimos anos foram desvantajosos, em termos económicos, para o produtor florestal. De facto, observou-se um acréscimo entre

2000 e 2010 de 7,1 p.p. (passando de 20,6% a 27,7%), o que traduz uma situação adversa à atividade.

Os resultados deste indicador podem ser complementados com a análise da relação entre os preços da Produção e do CI ("tesoura de preços"), a qual revela uma evolução desfavorável para o produtor, em todos os anos em análise, com exceção para 2006.

Com efeito, o custo dos meios de produção teve um impacto bastante negativo na atividade florestal, dado que a evolução dos preços da produção não acompanhou o aumento daqueles, em particular o custo da energia. Em 2010, apesar da relação entre os preços na produção e as despesas correntes da atividade se manter desvantajosa, observou-se uma ligeira melhoria face a 2009.

Gráfico 9. Tesoura de Preços
(IP Produção / IP Consumo Intermédio)



AJUDAS À PRODUÇÃO SILVÍCOLA

Segundo o Manual de Contas Económicas da Agricultura e Silvicultura 97 (Rev. 1.1), os subsídios compreendem os **Subsídios aos produtos** e os **Outros subsídios à produção**.

As ajudas à florestação e reflorestação são classificadas como Subsídios aos produtos, pelo que, de acordo com a metodologia das CES (e das Contas Nacionais) são contabilizadas no valor da produção, uma vez que esta é valorizada a preços de base¹. Os Outros subsídios à produção atribuídos têm como objetivo apoiar a formação profissional, a perda de rendimento do produtor e a beneficiação de superfícies florestais, não se encontrando diretamente relacionados com o volume de produção. Na atividade silvícola, estes últimos assumem menor expressão que os Subsídios aos produtos.

Para o período em análise, o total de ajudas pagas à produção aumentou até 2005, ano em que também a Taxa de apoio à Produção (rácio Total de ajudas pagas à produção / Produção) apresentou o valor mais elevado (6,7%). A partir desse ano, a tendência foi de decréscimo, embora interrompida em 2009.

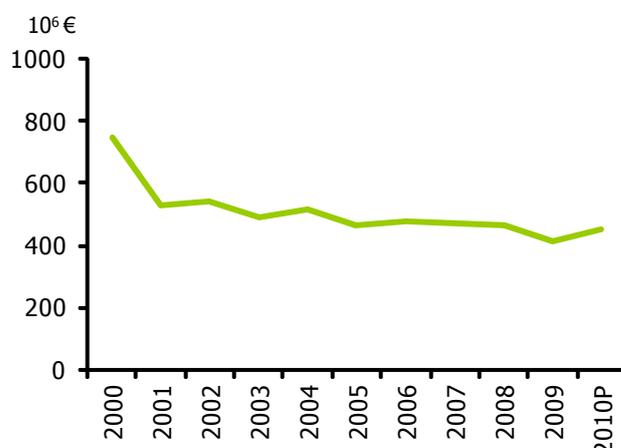
Os Subsídios aos produtos destacaram-se no total de ajudas, tendo sido responsáveis, em 2010, pela diminuição de apenas 0,2 p.p. da Taxa de apoio (5,1%) relativamente a 2009. Os Outros subsídios à produção, embora com pequena expressão, viram o seu valor substancialmente aumentado, em função de medidas de apoio à melhoria produtiva dos povoamentos florestais.

¹ O preço de base é o preço no produtor adicionado dos subsídios ao produto e deduzido dos impostos ao produto.

Gráfico 10. Ajudas pagas e Taxa de apoio à produção



Gráfico 11. Rendimento Empresarial Líquido



RENDIMENTO EMPRESARIAL LÍQUIDO

Refletindo o comportamento da Produção e do VAB, o **Rendimento Empresarial Líquido** (REL) da atividade silvícola de 2010 aumentou cerca de 10,4% em relação a 2009, contrariando a tendência decrescente observada desde 2000.

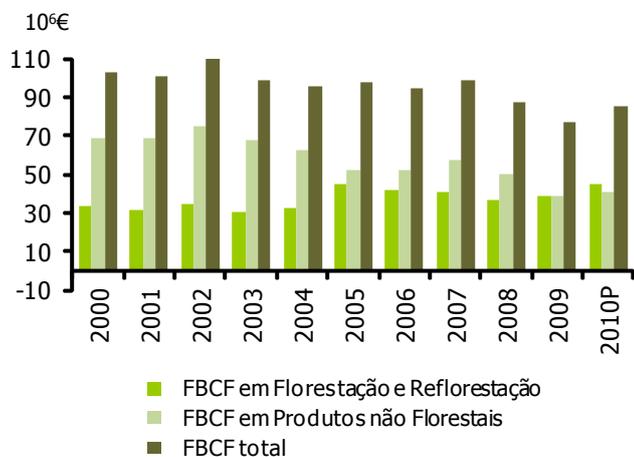
Este indicador exprime o rendimento da silvicultura e é determinado subtraindo ao VAB os outros custos da atividade (Consumo de capital fixo, Remunerações a pagar, Outros impostos à produção e Rendas e Juros a pagar) para além do CI e adicionando os Outros subsídios à produção e os Juros a Receber.

FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO

A **Formação Bruta de Capital Fixo** (FBCF) apresentou uma tendência decrescente desde 2000, apesar de ter registado variações positivas em alguns anos (2002, 2007 e 2010). A evolução da FBCF ficou fundamentalmente a dever-se à sua componente Não Florestal (bens de equipamento, construção, etc.), predominante até 2009. A FBCF em Florestação e Reflorestação (eucalipto, sobreiro e pinheiro manso) observou o seu ponto máximo em 2005 (+36,5%), em resultado da replantação das extensas áreas destruídas com os incêndios de grandes proporções que marcaram 2003 e 2004.

No ano de 2010, apesar do aumento nominal de 5,2% da FBCF não florestal, ocorreu uma inversão no peso relativo das componentes da FBCF. Na realidade, a FBCF em Florestação e Reflorestação ganhou importância na sequência de despesas associadas à manutenção de plantações, tendo contribuído para um aumento da FBCF total de 9,5% em volume e 10,6% em valor.

Gráfico 12. **FBCF**
(preços correntes)



TRANSFERÊNCIAS DE CAPITAL

As **Transferências de Capital** correspondem às ajudas que se destinam a apoiar medidas de investimento na atividade silvícola e de exploração florestal.

Este tipo de apoio ao produtor florestal decresceu desde 2007, tendo apresentado o valor mais baixo em 2010.

Notas Explicativas

Referência metodológica

As CES têm por referência técnica obrigatória o "Manual das Contas Económicas da Agricultura e Silvicultura 97 (Rev. 1.1)", edição de 2000, Eurostat. Sendo uma Conta Satélite, a metodologia utilizada tem como suporte o Sistema Europeu de Contas 1995 (SEC 95) e, por via deste, o Sistema de Contas Nacionais das Nações Unidas (SCN 93). Recentemente, as CES foram integradas, ao nível do EUROSTAT, num quadro global de informação económica e ambiental da floresta, designado por Contas Integradas Ambientais e Económicas da Silvicultura.

Cálculo do Crescimento das Florestas

A série de CES tem subjacente a metodologia de cálculo do Crescimento das Florestas (o qual contribui para a estimativa da Produção e do VAB da Silvicultura) desenvolvida pela ex-Direcção Geral dos Recursos Florestais, que teve como referência o Inventário Florestal Nacional 1995-98. A atualização dos resultados desta metodologia através da incorporação dos dados do Inventário Florestal Nacional atualmente em curso (IFN 2012) pode determinar a revisão desta série.

Revisões das CES de 2009

As revisões das CES de 2009 refletem a atualização da informação de base utilizada e, sobretudo, a incorporação dos resultados das Contas Nacionais finais anuais do INE referentes a 2009, entretanto publicadas. Os quadros seguintes indicam as principais revisões efetuadas.

Contas Económicas da Silvicultura **versão de Junho 2012 e versão de Julho 2011**

Unidade: 10⁶€

| | 2009 (preços correntes) | | | 2009 (preços ano anterior) | | |
|--------------------------------|-------------------------|------------|---------|----------------------------|------------|---------|
| | Julho 2011 | Junho 2012 | var (%) | Julho 2011 | Junho 2012 | var (%) |
| Produção da Silvicultura | 888,86 | 879,61 | -10% | 897,99 | 919,06 | 2,4% |
| Consumo Intermédio | 267,96 | 247,38 | -7,7% | 234,78 | 252,94 | 7,7% |
| Valor Acrescentado Bruto | 620,90 | 632,23 | 18% | 663,92 | 666,12 | 0,3% |
| Rendimento Empresarial Líquido | 394,76 | 410,16 | 3,9% | // | // | // |